



Fundação lembra
centenário de morte
de Gaspar Vianna,
médico considerado
brilhante e que
faleceu aos 29 anos

Despedida prematura





há cem anos morria Gaspar de Oliveira Vianna, médico do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) que contribuiu para o tratamento da leishmaniose tegumentar, doença que até então não tinha cura. Escolhido “O paraense do século 20” por uma eleição promovida por uma emissora de TV, Vianna faleceu prematuramente, aos 29 anos, depois de uma breve, mas intensa vida de dedicação à pesquisa científica. A enfermidade, que faz parte da lista das chamadas doenças negligenciadas, é conhecida por infligir graves lesões na pele e nas mucosas das vítimas, ocasionando, em muitos casos, a morte do paciente. Considerado um dos grandes médicos de uma geração que se tornou célebre e da qual faziam parte Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Alcides Godoy e Henrique Aragão, entre outros, Vianna é tido como um dos dez maiores profissionais da medicina brasileira no século 20. De acordo com a vice-diretora de Pesquisa, Educação e Divulgação Científica da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), Magali Romero Sá, Vianna, paraense de Belém que em 1903 se mudou para a capital federal para estudar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, integrou a “geração dourada” da pesquisa médica nacional. “Ele deu uma contribuição maravilhosa à ciência e à saúde”, afirmou Magali.

O então Instituto de Manguinhos – atual Instituto Oswaldo Cruz, uma das unidades técnico-científicas da Fiocruz – era, nos primeiros anos do século 20, uma instituição que atraía jovens médicos e pesquisadores, devido ao brilhantismo de seu diretor, Oswaldo Cruz, e às oportunidades que se abriam na pesquisa. Ele chegou ao Instituto em 1909, convidado por Cruz, e começou

a fazer a caracterização histopatológica da doença recentemente descrita por Carlos Chagas – a tripanossomíase americana, a doença de Chagas.

Durante a construção da estrada de ferro que ligaria Bauru (SP) ao Mato Grosso, eram comuns casos de leishmaniose, conhecida à época como “úlceras de Bauru”, doença que provocava deformações. Em 1909, o médico paulista Adolpho Lindenberg identificou o parasito causador da doença e, em 1911, Vianna descreveu o parasito como uma nova espécie de *Leishmania*, que nomeou *Leishmania braziliensis*.

Sensibilizado com o drama vivido pelos enfermos, Vianna começou a pesquisar novas formas de tratamento para a doença, já que na época não existia um medicamento eficaz. Depois de tentar arsênico, que era usado contra a doença do sono, ele optou pelo tártaro emético, utilizado por meio de injeções intravenosas. “A tentativa de Vianna foi um sucesso. As feridas dos pacientes foram secando e eles se curaram. O feito alcançou repercussão internacional e o tratamento criado por ele foi levado a outros países”, disse Magali.

O êxito da descoberta foi apresentado pelo pesquisador a seus pares no 7º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, em Belo Horizonte, em 1912. Um ano depois, Vianna encontrou outro uso para o tártaro emético. Em conjunto com Henrique Aragão, tratou o granuloma venéreo – uma enfermidade que até então também não tinha cura – com sucesso. Ainda em 1913, Vianna obteve o título de livre-docente de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com aprovação unânime da congregação. Também passou a ser professor dos cursos de aplicação do Instituto Oswaldo Cruz.

Os anos mais profícuos de Vianna vão de 1910 a 1914, quando se dedicou quase que inteiramente à pesquisa científica. Seu envolvimento com o trabalho era tamanho que normalmente continuava no Instituto até 23h (ou mais), quando pegava o trem para casa – isso quando não passava dias seguidos no laboratório, em plantões que varavam noites. E após tanta dedicação acabou por ser vítima de um infortúnio: ao fazer a necropsia em um paciente tuberculoso, recebeu no rosto um jato do líquido que estava na cavidade torácica. O líquido entrou pela boca e pelo nariz e o contaminou. Dois meses depois, em junho de 1914, Vianna morreu de tuberculose miliar aguda, aos 29 anos. “Morreu prematuramente, sem se casar e sem deixar filhos. Foi uma perda enorme, já que ele poderia ter feito muitas outras descobertas de relevo, caso vivesse mais anos”, lamentou Magali.

Seminário

No centenário de sua morte, Gaspar Vianna foi tema de um seminário promovido em Teresina pela Fiocruz Piauí, a Casa de Oswaldo Cruz e a Vice-Presidência de Pesquisa, Ensino, Informação e Comunicação da Fundação. Além de discutir o legado do médico do Instituto de Manguinhos, o evento promoveu um debate sobre perspectivas no combate à leishmaniose, que hoje ressurge como um grave problema de saúde pública no Brasil, espalhando-se por diversos Estados. O evento contou com a participação de historiadores e de cientistas. Estes últimos debateram as possibilidades de desenvolvimento de uma vacina contra a doença.